



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

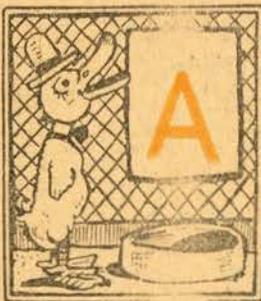
O SEculo

DE SANTA
RITA



Desenhos de A. CASTAÑE

(CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR)



MANHÃ irei procurá-lo para tratarmos da proposta que, generosamente, acaba de fazer-me.

— «Espero-a às duas horas da tarde; até amanhã. E, dizendo isto, após um afável cumprimento, afastou-se.

«Trinca-Páu» e «Micas» que haviam escutado a conversa, acercaram-se logo de Rosa, exclamando efusivamente:

— «Ora, então, parabéns! Parece-nos que vais ficar governada para toda a vida!» E

«Micas», com velhacaria, acrescentou, olhando, simultaneamente, para Rosa e «Trinca-Páu». — «E' de crer que não esqueças a principal pessoa a quem ficas devendo o teu brilhante futuro. Deverás impôr, como condição, que sejamos indemnizados do prejuízo de ficarmos sem ti, sem ti que és hoje o principal elemento da nossa companhia.

— «Pois 'tá de vê!» volveu «Trinca-Páu» que, menos interessado do que «Micas», só agora media bem o alcance das insinuações da companheira.

«Larica» e «Espirra-canivetes» ao ouvirem as últimas palavras de «Micas», súbitamente entristeceram. Já se tinham habituado ao doce e agradável convívio de Rosa por quem haviam sentido uma viva simpatia desde a primeira hora em que a depararam. E, caminhando para ela, exclamaram tristemente: — Rosa, vais deixar-nos?!

— «Talvés; — (respondeu Rosa, com maguada entoação) — mas prometo que os procurarei de quando em quando».



(Continúa na página 4)



Licções de Civildade

■ Por CARFLOFER

■ Desenho de CASTANÉ ■

— «Que respeito de criança!
que aprumo! que distinção!»

D. Ester jámais se cansa
de o dizer a D. Anica,
que de filho tão pimpão
babosa e lamecha fica.

Há quem goste, realmente,
de mirar um pequerrucho
perfilado à sua frente,
como um bisonho galucho!

A' miúda sociedade,
qual outro Félix Pereira,
vou dar, por isso, à ligeira,
lições de civildade.

Visto me faltar o espaço
para, sòmente num dia,
levar a cabo a empresa,
nada mais eu hoje faço
que cingir-me à cortesia
dum miúdo pôsto à mesa.

O guardanapo não deve
segurar-se ao colarinho,

porque o bôlo alimentar,
vendo apertado o caminho,
pode fazer marcha atrás,
e atropelar o vizinho.

Colóquios
provoque-os,
já digo,
quem fór
o mais velho:
conselho,
penhor
de um amigo,

pois que um menino calado
a ninguém com ditos fere;
ganha fama de atilado,
deixa de ser vigiado,
come e bebe quanto quere.

Sendo ordinário a valer
dum acepipe escolher,
— tódos ó sabem de cór —
façam cara de não vér,
deitem a mão ao melhor,

Comida ou bebida quente
jámais se deve assoprar;
com o sópro, juntamente,
pode sair algum dente,
e loiça ou vidro quebrar.

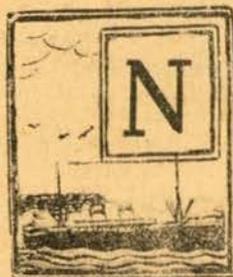
Fim da primeira... lição



O PRINCIPE CARLITOS

Por NOEL de ARRIAGA

Desenho de GARDY



O palácio reinava um silêncio profundo. A rainha estava enferma havia meses. Os mais eminentes médicos do mundo inteiro, ali foram chamados e nenhum sabia dizer que espécie de doença era aquela.

Ora a rainha tinha um filho chamado Carlitos. E uma noite em que o príncipezinho se ia deitar, ao findar o Padre Nosso que sempre resava antes de adormecer, — p'ra ter mais lindos sonhos... — viu em sua frente uma formosa menina, que lhe disse: — Eu sou a fada do bem. Sei que tua mãe adoeceu, e sei, também, a maneira de a curar.

O pequenito ficou doido de contentamento e pediu-lhe que lhe dissesse como era

E a fada principiou: — Vai ao jardim da Saúde onde canta uma fonte milagrosa que cura todos os males e abraça todas as dores. Enche um frasco dessa água e dá-a a tua mãe a beber. Mas para lá chegares terás de correr grandes perigos.

O guarda-portão é um ratito que terás de matar, imediatamente, quando não serás devorado pelo leão das duas cabeças, que logo virá em seu socorro. E, para venceres o ferocíssimo leão, bastará que lhe embarres com o ratito morto. Mas a grande dificuldade está em matar o rato, que se não deixa agarrar e que não cai em armadilhas. Depois, a guardar a fonte, encontrarás dois grandes cães. Pega lá estas laranjas. Atira-lhes com elas e eles, no mesmo instante se transformarão em estatuas de pedra. Depois, poderás enfim encher o teu frasco daquele líquido precioso.

E, assim falando, desapareceu.

Carlitos vestiu-se logo, saiu do palácio, pé ante pé, e, sozinho, na noite negra, caminhou na direcção em que a fada lhe indicara.

Chegou, por fim, ao Jardim da Saúde. Empurrou o portão, e lá estava o ratinho a correr dum lado para o outro. Carlitos tentou apanhá-lo, contudo todos os seus esforços foram vãos

Mas, quando, porém, Carlitos desesperava já do o apanhar, súbitamente, apareceu um gato, aquêlê gato sem raça e sem dono, a quem Carlitos tantas vezes dera peixe frito, o qual voltando-se para o príncipe, disse: — Tens sido muito bom para comigo. Chegou hoje a ocasião de te pagar todo o bem que me tens feito. E habituado como estava a apanhar ratos para comer, num abrir e fechar de olhos, matou o ratito guarda-portão do Jardim da Saúde, e foi depô-lo aos pés do príncipe.

Neste momento apareceu o leão das duas cabeças. Carlitos atirou-lhe com o rato e o leão, dando um grande estouro, ficou logo morto, estendido no chão. Ao pé da ponte, lá estavam os dois cães. Carlitos atirou-lhes com as duas mágicas laranjas que a linda fada lhe dera e os cães transformaram-se em estatuas de pedra. Encheu, então, o frasco e voltou para o palácio.

Ao outro dia, a rainha, só com um gole que bebeu, ficou gorda e saudável como o fora dantes.

Graças à sua dedicação e à sua coragem foi que sua mãe recuperara a saúde. Que alegria a de Carlitos!



F I M



(Continuação da página 1)

E, enquanto «Larica» afagava, entre as suas, a mão esquerda de Rosa, «Espirra», pegando-lhe na direita, depois nela, timidamente, um beijo, em sinal de simpatia, e levemente corou.

No dia seguinte, às duas horas da tarde, Rosa encaminhou-se para casa de D. Pedro Moyano.

Premindo o botão de uma campainha eléctrica, à direita duma ampla porta em madeira entalhada e polida, um criado, de farda azul com botões dourados, fez-lhe sinal para que entrasse e indicou-lhe uma porta entreaberta, ao fundo dum corredor, para lá da qual, sentado a uma secretária-ministro, Rosa imediatamente reconheceu o seu futuro empregário.

— «Dá-me licença?!» exclamou, timidamente, Rosa.

— «Ah, estava à sua espera...» (respondeu D. Pedro, fazendo-lhe menção para que se sentasse.

— «Sabe que me impressionou muito saber que perdeu um filhinho?!» — (exclamou D. Pedro, fingindo-se profundamente penalizado e procurando insinuar-se no espírito de Rosa, em quem apenas via uma bela aquisição para a sua companhia teatral e o objectivo, portanto, dum magnífico negócio.) Conte-me a sua história.

E Rosa contou, então, pormenorizadamente todo o seu passado e como inadvertida, imprevidente, colocara o filhinho à beira do rio em cuja corrente ela fora arrastada.

— «Como se chama?» perguntou D. Pedro, dispondo-se a escrever o nome numa folha de papel selado já preenchido, exceptuando um pequeno intervalo de meia linha, onde D. Pedro inscreveu o nome proferido, ao mesmo tempo que exclamava:

— «Rosa Gião, magnífico nome de cartaz!» E acrescentou empunhando o papel e assestando os óculos: — «Aqui está o contracto que redigi há pouco, segundo a proposta que tive o prazer de fazer-lhe ontem à noite. Vou ler-lho e, depois de assinado, amanhã, no notário, lho entregarei, ficando um duplicado em meu poder.

Feita a respectiva leitura, D. Pedro, sorridente, perguntou:

— «Está bem, não é verdade? Três mil pesetas por mês!...»

— «Sim mas com uma condição; — (interrompeu Rosa que logo notou na expressão do seu futuro empregário um certo ar de espanto ao estranhar que uma pobre de Cristo, sem eira nem beira, ousasse impôr condições.

— «Já sei, — (disse, após um momento de pasmo, D. Pedro vivamente). De que empregarei todos os esforços para a descoberta de seu filho».

— «Não só isso — (volveu timidamente Rosa, concluindo com manifesto embaraço). — Mil pesetas adiantadamente, como indemnização pelos prejuizos que causei à minha companhia, abandonando-a».

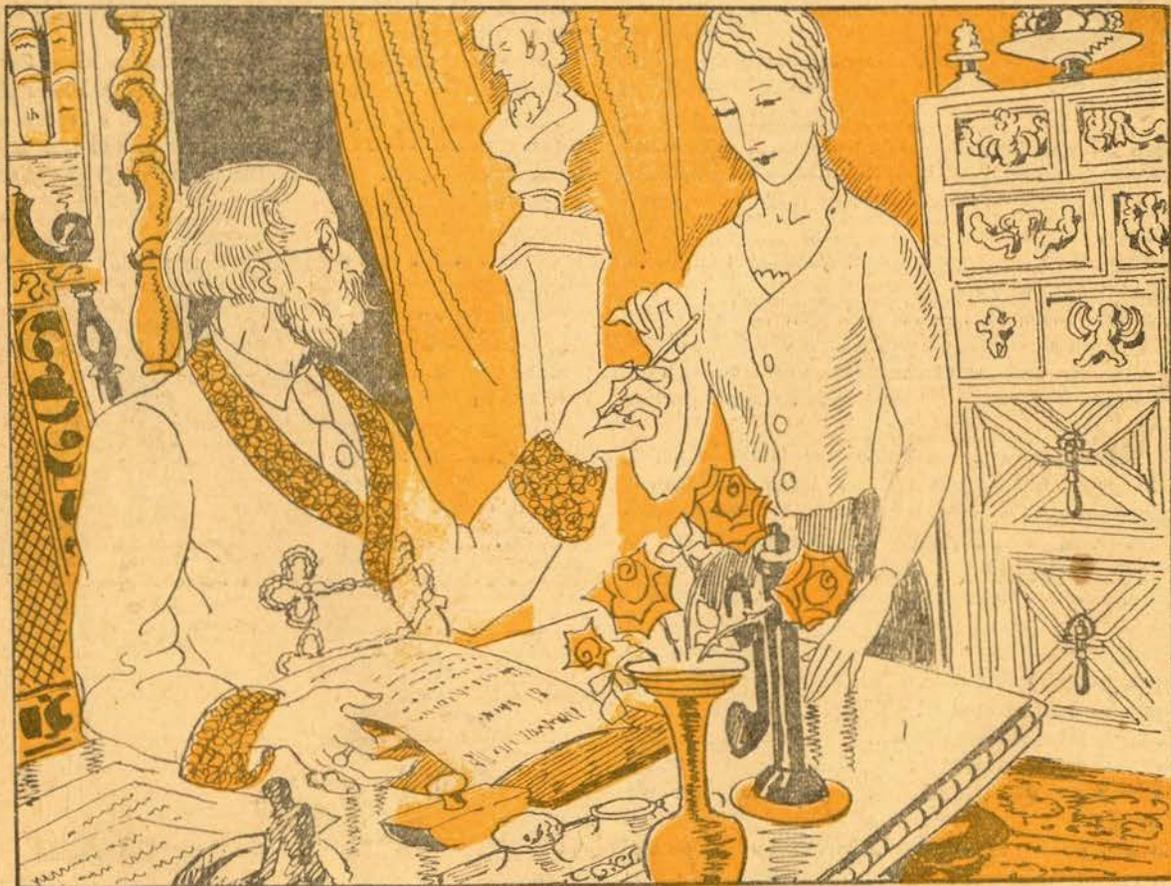
D. Pedro respirou livremente. Que lhe importava entregar antecipadamente o que a Rosa pertencia, desde que ela lhe firmasse o contracto. E foi com manifesto júbilo que respondeu:

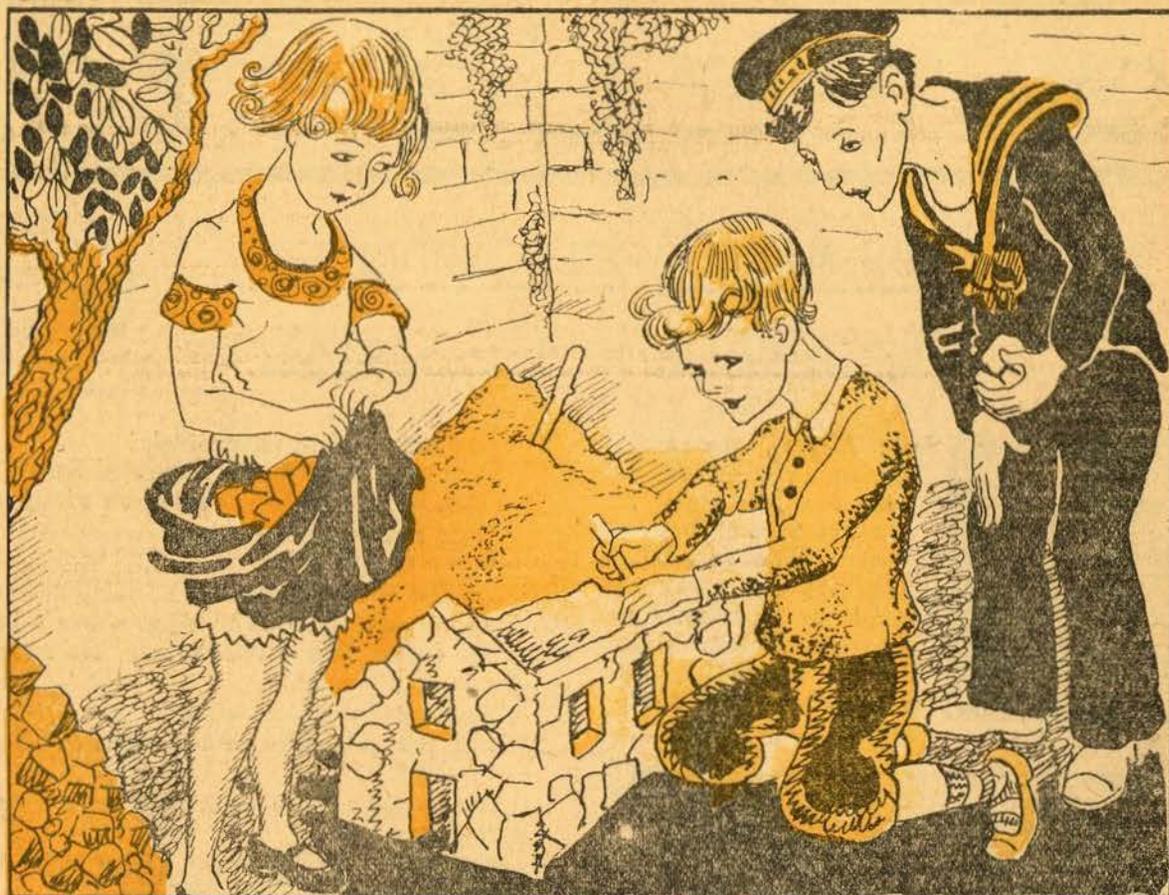
— «Amanhã, no notário, lho entregarei essa quantia e, além dela, a importância relativa à sua passagem para Madrid e permanência lá, durante um mês.

Meia hora decorrida, Rosa Gião, entre os saltimbancos, comunicava as resoluções tomadas em casa de D. Pedro, com evidente regozijo de «Micas» e «Trinca-Páu».

Oito anos depois

Jorginho tem agora onze anos, Fina dez e Tóninho oito. Companheiros de todas as horas do dia, passavam as tardes brincando na grande quinta do Arco. Tóninho é o mais habilidoso dos três, pelo que Fina e Jorginho o chamam constan-





temente para a resolução de qualquer problema infantil que constantemente se lhes depara, não só nas horas de estudo como, principalmente, no decorrer do recreio. É o mais inventivo, o que é dotado de mais imaginação e recursos. Possuidor duma decidida vocação para o de enho, é próprio inventa os brinquedos com que se distraem: — cabeças de cavalo em pasta, amassada por tódos, com farinha de trigo e papéis desfiados, e modeladas e pinadas pelas geitosas mãos de Toninho; espingardas de cana; chapéus armados com plumas, improvisadas com barbas de milho; chaletzinhos de pedra e cal, com respectivos alpendres, janelas com vidraça e portas feitas com madeira de caixas de charutos.

Os imaginosos trabalhos de Toninho, chegavam a causar a admiração e, por vezes, o enlevo da madrinha Condessa que tinha por Toninho uma sincera amizade.

Ao serão, em casa do feitor, Toninho entre a hora da última refeição e a hora de deitar, entretinha-se a desenhar, em folhas de papel almaço, cavalos, burros, vaquinhas, ovelhas, automóveis, carroças e, por vezes, caricaturas com certa semelhança.

Ria Bernarda das garatujas do seu menino, ao contrário do feitor que, constantemente, o reprendia, alegando o estrago de papel e o tempo perdido, mais bem empregado lá no seu entender, se é o aproveitasse ou aprendendo

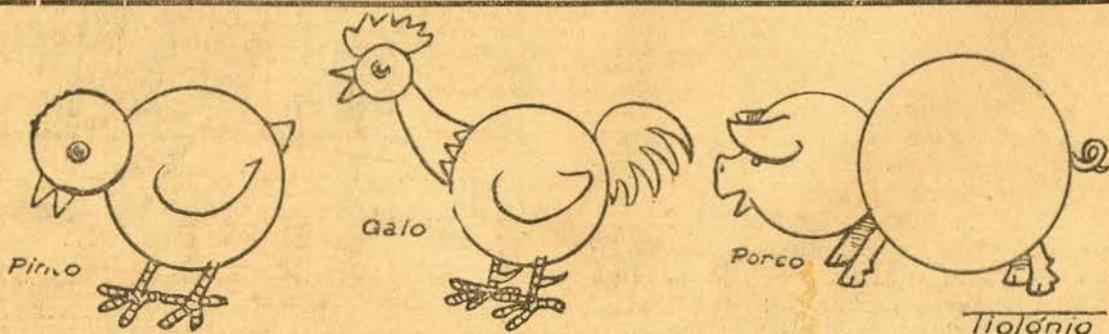
a ler ou ajudando-a nos trabalhos do amanhã e no tratamento da criação.

— «O «home», éle é ainda tão pequenino!» desculpava-o a bondosa Bernarda, afagando Toninho, o qual, intuitivamente, corria para o regaço da sua mãe adoptiva, que éle sentia adorá-lo, quasi, dir-se-ia, como mãe verdadeira.

— «Has de torná-lo um maldrião, um inútil» — ralhava, rudemente, Miguel, ignorante do alto significado daquela vocação incipiente e do seu possível aproveitamento quando revelada num outro meio propício e orientada e guiada por uma consciéncia culta.

Já no regaço acolhedor de Bernarda, Toninho cerrava as pálpebras vencido pelo sono. E, no sub-consciente da sua alminha infantil, um mundo de criações fantásticas enchia o limitado universo da sua imaginação. Sonhava... sonhava que vivia no «chaletzinho» que havia construído no recanto poético da quinta e que estava pintando uma enorme tela, tal como num grande quadro, colocado ao fundo duma sala, no solar da madrinha, quadro que representava Velaquez sentado a um cavalete e pintando um grande retrato a óleo.

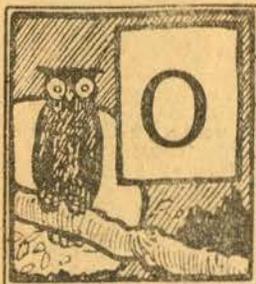
■ Continua no próximo número ■



O RELÓGIO

POR MARIA AMELIA RODRIGUES

DESENHO DE ADOLFO CASTANÉ



«Vida Alegre», que vendia cautelas e morava na «Ilha das Minhocas», tinha uma irmã a servir.

Ela era destas criadas modernas que querem imitar as senhoras. Não lhe faltava nada. Tinha até um relógiozinho de prata, de que o «Vida Alegre» muito gostava.



- A mana é muito feliz.
- Porquê?
- Porque tem um relógio.
- Querias ter um também?

Ele ficou encarnado como uma papoula e disse que sim.

- Toma; dou-te éste.
- E a mana?
- Eu compro outro.

No dia seguinte o «Vida Alegre» andou na venda, de manga arregaçada. Tinha um relógio e queria que todos o vissem.

— E' o 1329... Quem quere a grande?

O «Beicho», o «Picarete», o «Bigodinho» arregaçavam os olhos para vêr bem o relógio do «Vida Alegre» que, tôdo ufano, explicava:

— Foi uma irmã muito rica que eu tenho.

— Eh! rapaz. Dá cá uma cautela!

Era um soldado da Guarda Nacional Republicana. Lesto, o «Vida Alegre» correu para o freguês.

— Onde roubaste esse relógio?

— Não o roubei; deram-mo.

— Mentira! Deixa lá vêr?

E, como pareceu ao «Vida Alegre» que o homem lhe queria tirar o relógiozinho, êle arrancou-lho da mão e disse:

— Sape gato! O relógio é meu.

— Pois vens já comigo para a esquadra.

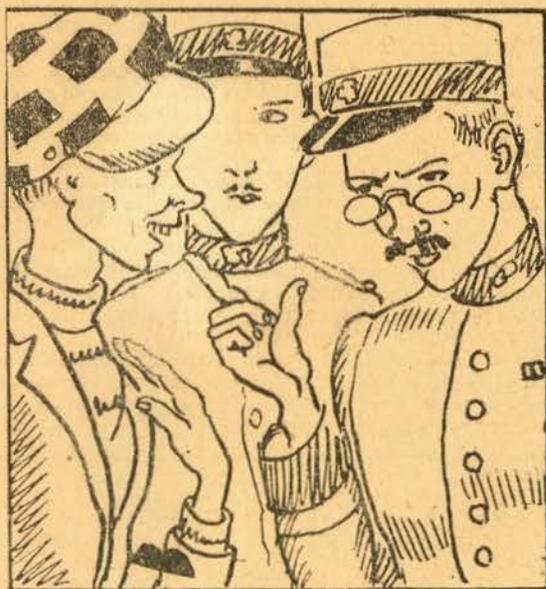
— Pois vou.

O «Vida Alegre» foi e contou ao cabo o que se passara com a irmã.

Tiraram informações, viram que o rapaz falara verdade e mandaram-no em paz.

— Aquele homem disse que eu roubei. Mas, ó senhor cabo, eu tenho cara de gatuno?

— Não, meu rapaz! Por isto ficas sabendo que muitas vezes sômos acusados de maldades que nã,



praticamos. O que é preciso é ter paciência, porque, tarde ou cedo, tudo se descobre. Agora adeus e continua sempre pelo bom caminho...

F I M

HORA DE RECREIO

A DIVINHAS

Quais são os montes de África que têm o nome de um livro de geografia?

Qual é o oceano que não é barulhento?

Qual é a cidade da Rússia que tem o nome de uma companhia cinematográfica?

Qual é a cidade da França que é igual á marca de bisnagas para o carnaval?



Colocar nos pontos respectivos letras de maneira a formar nomes de azes de Foot-Ball.

P _ _ e
 P _ _ é
 P _ _ h _
 R _ q _ t _
 _ a _ a _ q _ e _ _ o
 C _ _ r _ a _
 B _ _ l _ o
 _ a _ d _ _ _ r
 S _ s _ a
 B _ _ o
 R _ _ o _



A DIVINHA

Solução do enigma anterior

O caminho marítimo para a Índia foi descoberto por Vasco da Gama.

Meus meninos:

Vejam se descobrem onde está a mamã deste bebé?

PARA OS MENINOS COLORIREM



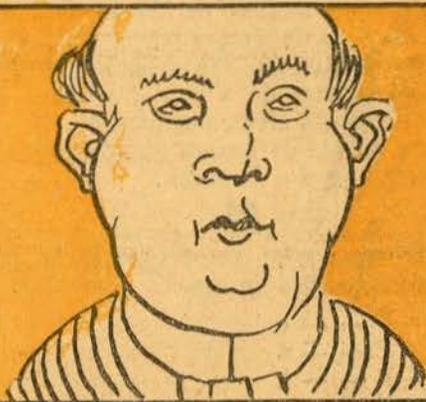
O ESPELHO PARTIDO

E A ESPERTEZA DUM CRIADO

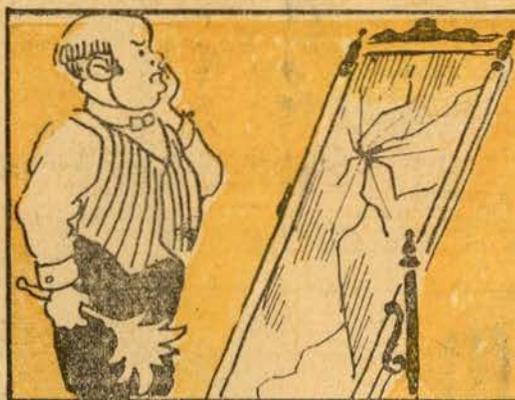


Doutor Murta Boavida, a-pesar-da vista curta, tinha uma língua comprida.

Por tal razão, seu criado tinha um medo exagerado do patrão.

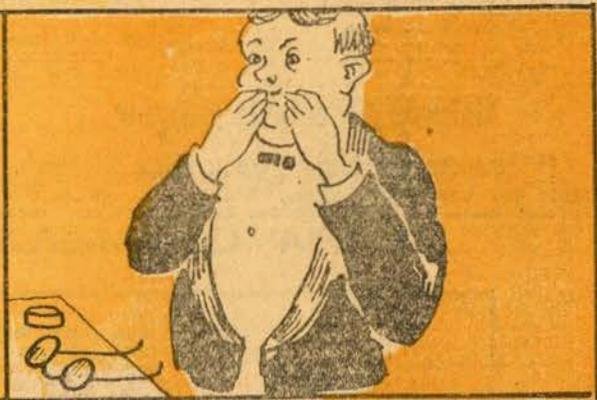


Certo dia, em casa do seu senhor, faz em «cacos» — (que arrelia!) — o espelho do toucador.



— «Que fazer, que não fazer! P...»
— (põe-se a pensar o criado)
— «Quando o patrão se rever no espelho... estou arranjado!»

Tem, nisto, uma inspiração que o livrará duma «trólha» põe um chinó do patrão, pinta um bigode com rolha.

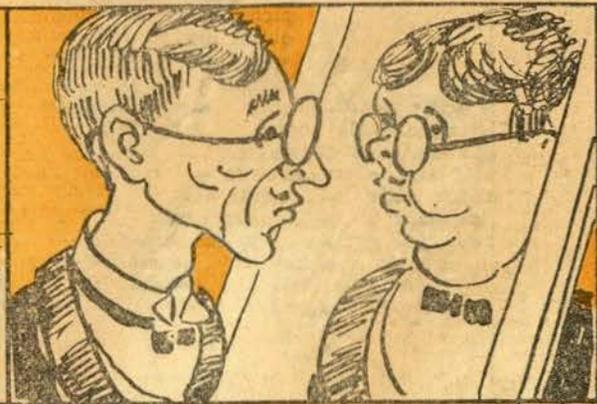


Logo, a seguir, com um gancho transforma a sua luneta em óculos de aro e, ancho, veste uma casaca preta.



Ao vê-lo, que se aproxima, faz os gestos que ele faz; põe uma mão para cima e põe um pé para trás.

Tal como nunca se viram, o patrão e o serviçal de, cara a cara, se miram, como de igual para igual.



E o doutor Murta, entretanto, com grande espanto murmura: — «Ih Jesus, mas que gordura... ó céus, como engordei tanto!»